

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Vejam a capacidade sócio-económica. Com esta expressão queremos englobar anúncios e assinantes que são o quase único suporte da manutenção de um jornal. Consultando os nossos ficheiros, verificamos que este periódico possui na terra 375 assinantes fangueiros e mais 150 que habitam fora. Dos primeiros, há uns cinquenta que se esqueceram de pagar a primeira anuidade e as restantes, evidentemente. Esclarecemos que nós chamamos fangueiros a todas as pessoas que habitam em Fão. Quanto a anúncios, como se pode verificar, só um é de Fão, embora outros dois sejam de pessoas nascidas cá ou que possuem

FÃO TEM CAPACIDADE PARA AGUENTAR UM JORNAL?

familiares (raízes) entre nós. O resto são pessoas amigas de Fão, ou amigas nossas, ou amigas dos nossos amigos. Insistimos na componente amizade pois este factor tem de ser obrigatoriamente relevado. Daí a permanência dos anúncios (ninguém arreda pé) e a facilidade das cobranças (nenhum problema).

Do exposto temos de concluir que Fão, estatisticamente falando, no que respeita ao número de fangueiros assinantes e anúncios que proporciona, não possui capacidade para manter um jornal. Já aqui demos notícia de quantas publicações existiram na terra e também demos ciência certa do motivo da sua curta duração: fragilidade económica.

Mas, dirão alguns leitores, «O Novo Fangueiro» tem-se aguentado. Nós respondemos: aguenta-se porque, para além das referidas quinzentas e tal assinaturas fangueiras, temos ou arranjam mais outras quinzentas de gente de fora bem como uma base de anúncios que permite a «O Novo Fangueiro» seguir em frente. De resto, a nossa Administradora tem pago religiosamente as facturas apresentadas pela Binográfica, quer exista ou não saldo positivo. E também: de outras despesas decorrentes da feitura do jornal, o Director nunca apresenta contas. E ainda: muitos dos nossos assinantes que compreendem as vantagens, o interesse de um jornal numa terra, ultrapassam as tabelas das assinaturas. E assim o jornal vai-se aguentando.

Dirá o leitor mais versado em Ortega e Gasset: o homem é um homem mais a sua circunstância. Nós entendemos o alcance da frase. Quer dizer: a capacidade sócio-económica de uma terra é aquela que é possuída por essa mesma terra e a sua circunstância. Ou seja: o valor de uma povoação

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

P.e AVELINO PINHEIRO BORDA

Congresso em Viseu da Associação das Misericórdias Portuguesas. Corria o ano de 1975. Época escaldante com a política a impor-se a tudo e a todos. O objectivo da reunião era salvaguardar o património das misericórdias. Presente o Ministro dos Assuntos Sociais, dr. Armando Bacelar, que a certa altura informou que só faltava nacionalizar três hospitais. Um deles era o de Fão. Pediu nessa altura a palavra o P.e Avelino Borda, Provedor do Hospital, que a páginas tantas disse: «Será mais fácil o Senhor Ministro passar por cima dos cadáveres de todos os fangueiros do que nacionalizar o seu hospital».



O Ministro retorquiu:

— Costámos-lhe o subsídio.

— Não faz mal. Viveremos sem ele. É que dois contos e quinhentos por mês nem nos aquecem nem nos arrefecem — assim respondeu aquele nosso conterrâneo.

De facto o subsídio foi cortado mas o Hospital de Fão salvou-se da apagada e vil tristeza em que caíram tantos outros. O futuro deu-lhe razão.

Hoje a Misericórdia segue uma trajectória considerada exemplar, respira saúde e é o próprio Governo, através de alguns ministros, a fazer-lhe as respectivas vénias. Não nos esqueceremos, porém, que no dia da inauguração do Lar, o actual Provedor, afirmou mais ou menos isto: «Estamos a celebrar uma obra que praticamente foi concebida pelo antigo Provedor P.e Avelino Borda». Com mais ou menos vírgula, o sumo da afirmação foi este.

Effectivamente, o período da arrancada do Hospital-Asilo S. João de Deus começou

com o antigo pároco de Fão, P.e Manuel José Gonçalves, com a construção do lado sul que comportava quartos e uma capela. Diz-nos porém um fangueiro que fazia parte da mesa nesse tempo que o Padre Avelino esteve sempre por trás, aconselhando, incitando, estabelecendo pontes de contacto com empresas e entidades oficiais. Serviu de mediano e avalista em tudo o que foi necessário apetrechar o Hospital de mobílias, roupas e instrumentos. Depois da saída um tanto rocambolesca do padre Gonçalves, que deixou o povo de Fão siderado, o P.e Avelino Borda ocupou naturalmente o cargo de Provedor preparado que estava com o cargo de mesário já exercido no Hospital de Guimarães.

Foi na sua provedoria que nasceu e começou a dar-se corpo à ideia do Lar da Terceira Idade. Diz-nos a mesma fonte, referida atrás, que nesse tempo se estreitaram as relações com uma senhora do Porto, Isabel Cantista, pessoa bem posicionada no Ministério para a concretização da ideia do Lar. Foram-lhe apresentados dois ante-projectos, a Misericórdia recebeu 5000 contos e firmou-se a promessa de mais dez mil que acabaram por chegar na vigência da Direcção posterior. Effectivamente, a parte final da provedoria do P.e Avelino conheceu um processo doloroso que mais uma vez dividiu Fão e culminou com a saída do então Provedor e do médico dr. Juvenal Silva. Os bastidores desta luta permaneceram ocultos durante muito tempo e só recentemente alguém, que acompanhou o processo por dentro, nos levantou a ponta do véu. Um dia voltaremos ao assunto.

Na altura do aparecimento de «O Novo Fangueiro» vivia-se ainda o rescaldo da luta e nós, a propósito do sexagésimo aniversário da ordenação sacerdotal do padre Avelino, dedicámos-lhe um pequeno texto, na primeira página, que só agradou a gregos. Relendo esse escrito, nada no seu conteúdo desabona a sua pessoa, antes pelo contrário. Hoje se fôssemos a reescrever essa evocação, substituiríamos talvez a expressão «figura polémica» por *pessoa apaixonada*. Era com efeito uma apaixonado por Fão e por tudo quanto se relacionasse com a terra. Apaixonado intransigente. Atente-se no modo como bateu o pé ao Ministro Armando Bacelar.

Esse amor ao terrunho levou-o a coleccionar tudo o que se relacionasse com a vida fangueira: jornais, livros, fotografias, postais e documentação variada. Era por assim dizer a memória de Fão. Esse espólio, pensamos, deveria ser entregue a um futuro museu de Fão. Museu ou biblioteca, tanto faz.

O P.e Avelino Borda nasceu em 27 de Junho de 1900. Fez a escola primária em Fão e continuou os estudos no seminário de

(Continua na pág. 2)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

ção não se reduz apenas a sua actividade económica e ao trabalho dos seus habitantes. A beleza e a singularidade do local, as relações dos moradores, as amizades que estabelecem, constituem igualmente um potencial sócio-económico que pode trazer vantagens para o burgo. Concretamente: o Director de um jornal, os seus amigos, os amigos da terra e das suas belezas e ainda os amigos desses amigos concretizam uma base de apoio suficiente para assegurar a vigência de um periódico. Tudo no fim faz parte da tal capacidade da vila fangueira.

A cultura é também um factor a considerar. A palavra cultura comporta duas vertentes: tanto pode ser o conjunto de conhecimentos que o indivíduo adquire ao longo dos anos através dos livros, dos mass média, das escolas, das viagens e das pessoas com quem contacta, etc., como aquele nível de percepção que tem dos fenómenos, conseguido pela via dos tais saberes que fopi adquirindo e lhe enriqueceram a inteligência. É nossa convicção que um fangueiro razoavelmente culto possui a compreensão bastante para ajuizar que um jornal é a memória da terra, o porta-voz dos seus anseios, o defensor contra as injustiças, algo que enriquece a região. Por isso e independentemente de outros factores, o assina.

Resumindo: civismo, cultura e economia são as coordenadas que condicionam a existência de uma publicação local.

Voltamos então à pergunta que encima o texto: Fão terá a tal capacidade? Pontualmente cremos que sim.

P.e AVELINO PINHEIRO BORDA

(Continuado da pág. 1)

de Braga, tendo sido ordenado sacerdote em 27 de Abril de 1924. Foi perfeito naquele seminário e depois coadjutor da Colegiada de Guimarães, actividade interrompida por doença que o obrigou a permanecer em casa durante algum tempo. Entretanto fundou e dirigiu um jornal na terra chamado «Ecos da Beira-mar».

Regressa novamente a Guimarães para exercer o cargo de sub-director das Oficinas de S. José. Na cidade berço leccionou na Escola Industrial, mais tarde no Liceu Martins Sarmiento e ainda no Colégio de Nossa Senhora da Cenceição e no Colégio Egas Moniz. Desempenhou funções de mesário no Hospital de Guimarães e na Venerável Ordem Terceira de S. Francisco que o homenageou em 1 de Novembro de 1986. Foi também verador da Câmara de Guimarães.

Após 40 anos de intensa actividade desenvolvida no burgo vimaranense, retirou para junto dos seus ao atingir o limite de idade (70 anos). Pôde então dedicar-se com maior exclusividade às coisas de Fão cujas belezas e história não se cansava de enaltecer perante os seus inúmeros amigos. O seu retrato emoldura os salões nobres do Hospital e dos Bombeiros por serviços prestados.

Morreu com a proveta idade de 90 anos. Era na verdade uma pessoa que se interessava pelos problemas da terra, vivia-os como fangueiro e não se refugiava nas fáceis pantufas do comodismo.

CONTRA A DROGA

No dia 25 de Setembro, pelas 21 horas, realizou-se uma reunião no Salão Nobre da Câmara de Esposende que teve por lema a droga e se destinou a calendarizar toda a acção do programa «Viver sem droga em Esposende» que está a decorrer neste concelho durante o mês de Outubro.

Contou com a participação de alguns elementos da Associação «Le Patriarche».

DE LUTO

Encontra-se de luto o querido amigo António Torres, residente em Nantes, pelo falecimento de seu sogro.

A este dedicado conterrâneo e à gentil Ivone enviamos sentido abraço de condolências.

FALECIMENTOS

No final do mês de Setembro, faleceu em Fão o nosso conterrâneo, P.e Avelino Pinheiro Borda. Tinha 90 anos. Era o mais idoso sacerdote do concelho. Não deixa de ser significativo o facto de há uns meses atrás ter deixado de colaborar no jornal «Nascer de Novo», onde mantinha uma secção evocativa dos sacerdotes falecidos no arceprelado esposendense. Sentido premonitório? Tempos atrás disse-nos um familiar que o P.e Avelino Borda depois de fazer 90 anos ficou muito afectado.

— Também faleceu em Fão, à rua Serpa Pinto, Manuel Pires do Monte, também conhecido por Tenente. Esta alcunha advio-lhe de ter uma postura muito própria no tempo em que andou na tropa. Não tinha nada de pejorativo.

Durante alguns anos desempenhou com muito empenho o cargo de Regedor de Fão.

É mais um dos poucos lavradores de Fão que desaparece. Em vários anos presidiu à comissão de festas em honra de Santo António. Havia nessa altura uma rotação entre os lavradores das Pedreiras: António Domingues da Venda, Amândio, Américo, Joaquim e Feliz Gaifém, padrinho Gaspar, Inácio Sapas e outros.

— Pelos jornais tomámos conhecimento da morte do nosso conterrâneo António Didier Ferreira que vivia na Afurada. Não nos conhecia pessoalmente mas nós sabíamos que nutria particular carinho pelo nosso jornal, de que era dedicado assinante.

— Morreu em Fão, à rua Serpa Pinto, Deolinda Portela.

A todos os familiares apresentamos os nossos pêsames.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DE APÚLIA

ÓBITOS — Faleceram, em Apúlia, onde residiam, os seguintes conterrâneos: em 13 de Julho, no lugar da Areia, Adelino Marques da Silva, nascido em 6 de Agosto de 1937, filho de António Ribeiro da Silva e de Antónia Fernandes Marques.

Deixa viúva a senhora Adelaide dos Santos Neves Lopes.

— Em 12 de Agosto, no lugar de Paredes, Júlia de Almeida Eiras, solteira, nascida em 16 de Novembro de 1908, filha de Joaquim Fernandes Eiras e de Júlia Gomes de Almeida.

— No dia 17 do mesmo mês, no lugar da Areia, a senhora Alzira Ferreira Belo, solteira, natural de Fão, onde nasceu em 19 de Dezembro de 1915, filha de Joaquim Barbosa Rodrigues e de Rosalina Ferreira Belo.

— No lugar de Paredes, faleceu no dia 29 de Agosto, a senhora Ana Gomes Vasco, viúva de António de Almeida Eiras, nascida em 6 de Novembro de 1900. Era filha de Manuel Gomes Vasco e de Cecília Lopes Petejo e natural de Fonte-Boa deste concelho.

— No dia 1 do mês de Setembro, no lugar de Crlaz, faleceu a senhora Elisa Lopes Veloso, nascida em 27 de Novembro de 1902, viúva de Cândido José de Carvalho e filha de Manuel Veloso de Sá e de Maria Joaquina de Jesus Lopes Ferreira.

Para todos os familiares, os nossos sentidos pêsames.

NOTÍCIAS DESPORTIVAS — Com dois treinadores, o principal e um adjunto, vindos de Braga, já se trabalha desde Agosto, no futebol em Apúlia.

Do plantel do ano passado, não continuam cinco dos melhores jogadores: Paulo Sérgio, Jorge, Julinho, Pinto e Vieira. É certo que foram recrutados outros jogadores, mas, no «deve» «baver» o saldo parece-nos francamente devedor. Mas o tempo o dirá.

— Em jogo de apresentação, o Desportivo de Apúlia, empatou (2-2) com a Associação Desportiva de Esposende, clube da 2.ª Divisão Nacional.

— Dois jogos, duas vitórias, uma delas fora, no difícil campo de Vila-Cbã. Parece-nos que o nosso representante vai muito bem, e está a praticar bom futebol.

Como a procissão ainda vai no adro, aguardemos os próximos jogos para ver se se confirmam os bons resultados.

Aguardemos com confluência.

— Presidem aos corpos gerentes do Grupo Desportivo de Apúlia, nesta época, Joaquim Queiroga Figueiredo, Manuel Correia Gomes Deveza e Manuel Vilas Boas Torres, na Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, respectivamente.

SANEAMENTO — Fala-se que está para breve a localização da zona onde ficará a futura estação de tratamento das águas residuais, um «luxo» que nenhuma terra virada para o futuro, como tem de ser o caso de Apúlia, pode dispensar, sob o risco de não aguentar a pedalada das terras rivais do concelho.

Será verdade? Oxalá. É que Apúlia, em relação àquelas, já parte com uns bons anos de atraso.

HABITAÇÃO ECONÓMICA — Há, na verdade em Apúlia, um grande surto de construção de habitações. Mas os seus preços não vão permitir a sua compra aos que efectivamente precisam de casa para viver. «Aquilo» vai servir como segundas, terceiras, ou quartas habitações para uma minoria de favorecidos da sorte. Afinal, os que não precisam.

Entretanto, segundo lemos num jornal diário do Porto, já teria sido efectuada a compra do terreno para a habitação social de Apúlia.

Também já não era sem tempo. Que se aproveite esse terreno da melhor forma possível, com construções em bloco de três ou quatro andares, pois a carência de habitação em Apúlia é maior do que aquilo que muitas pessoas podem pensar.

FÉRIAS EM CABO-VERDE — Por nos parecer inedito entre nós, não podemos deixar de registar as férias passadas em Cabo-Verde pelo nosso conterrâneo José Luís Queirpaga de Almeida, esposa e filhos, no passado mês de Agosto; Cabo-Verde, onde, pelo menos, duas coisas fazem a diferença em relação à maioria dos países estrangeiros: a simpatia das pessoas e a vontade de bem-servir; e

o facto (para os portugueses, importante) de a língua ser a mesma que Camões imortalizou.

RESCALDO DAS FESTAS DE APÚLIA — Bom tempo, mar manso, bons programas, enfim, boas perspectivas para umas boas festas. E foram-no? Se considerarmos que são as pessoas, as multidões, que fazem as festas grandes, ou grandiosas, temos que ser realistas e aceitar que nesse aspecto elas estiveram um pouco distantes das dos anos anteriores.

Motivos^a — certamente que os baverá. Mas o maior, o principal, chamou-se Festas da Agonia, que se realizaram nos mesmos dias. E todos sabemos que as Festas da Agonia são só, há muitos anos, as maiores do país. E Viana do Castelo, fica a pouco mais de 30 quilómetros de Apúlia.

Prece-nos, por isso, que a data das nossas festas (as da Senhora da Gula) deve ser repensada e alterada, de maneira que não coincidam com as da Agonia.

A não ser que se pretenda que as mesmas sejam cada vez mais para consumo interno.

No mais, e tirando a menor afluência de forasteiros, todos os programas foram bem pensados e bem executados. Estiveram à altura da tradição.

No caso da Senhora do Amparo, parece que também houve menor afluência de pessoas. E os programas, cumpridos rigorosamente, como é hábito das gentes do lugar de Crlaz, tinha motivos de belo efeito e de agrado certo.

Fica o desejo e o esforço de se fazer o melhor possível. E nesse pormenor, como em muitos outros, estão de parabéns as respectivas Comissões de Festas.

DOENTE — Pese embora a diferença de idades, ele fez (faz) parte do grupo (já restrito) dos amigos que o «escrevedor» destas notas mais considera.

«Vinagre» — é a alcunha do amigo Manuel Gomes Lopes da Silva — um jovem que, mesmo menino, foi sempre um homem. Pela sua postura, pela sua educação e pelo seu aprumo.

O «Vinagre» casou aqui ao lado, em Fão, e depois emigrou para França. Por cá andou uns longos, e parece que bons, anos. Regressou definitivamente, há algum tempo à sua residência, em Fão.

Encontrámo-nos muitas vezes em Fão, no futebol. Cabelo farto, grisalho, mais velho do que a sua idade, e desde há pouco tempo, sem o habitual sorriso nos lábios. Era a doença que o afligia já.

Soubemos há tempos que teve de ser internado, primeiro numa clínica da Póvoa de Varzim, depois no hospital de S. João, do Porto. O seu estado de saúde, que não seria alarmante, obrigava, no entanto, a rigoroso e prolongado tratamento. E cremos que lá estará ainda.

Daqui, de Apúlia, todos os seus numerosos amigos, estão a fazer uma «forcinha» pelo seu rápido restabelecimento.

ESPORÕES — Não há que escondê-lo. as pessoas, as

mais directamente ligadas às praias das Pedrinhas e Cedovém, andam alarmadas. Temem que com mais um inverno à porta (que até se prevê venha a ser rigoroso), a destruição das dunas na primeira daquelas praias, leve o mar até às casas. E esse temor é fundamentado, se pensarmos no que já aconteceu no inverno passado.

Ciente das responsabilidades que lhe cabem, a Autarquia e Assembleia de Freguesia local, convocaram uma assembleia, onde este, e outros assuntos foram tratados, com a presença de um técnico credenciado. Também esteve presente o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende, um apulense, duplamente interessado na resolução deste candente problema.

Do que ali se passou, conclui-se que: a) - tecnicamente (ou economicamente) não é aconselhável a destruição do esporão das Pedrinhas; b) - aconselhável seria a construção de um outro na zona de Cedovém, para defender e preservar as praias das Pedrinhas e de Cedovém; c) - se se tornar absolutamente necessário, serão colocadas pedras de grandes dimensões para sustentar a fúria das marés na praia das Pedrinhas.

A segunda hipótese (construção de novo esporão) não foi muito do agrado de parte da assembleia, pelo que o problema continua em aberto.

E agora? O inverno está já a bater à porta e o tempo escasseia. Tudo vai ficar na mesma? Depois, nem os técnicos nem as pedras vão ser capazes de segurar o mar embravecido. E de duas uma: ou ficamos com as praias sem areia, ou ficamos com elas «embelezadas» pelas pedras ou pelos esporões.

SIMBOLOGIA — Outro dos assuntos da mesma assembleia foi o saber-se que se ia proceder à escolha de símbolos para a futura bandeira e brasão de Apúlia.

E logo ali se aventaram hipóteses, se indicaram símbolos, sinais, distintivos, ideias ou acontecimentos, formas e cores. Falou-se em concurso público a nível de apulenses, para o desenho desse brasão. Exactamente assim, como se estivesse a seu tratado ou discutido um concurso de jogos florais.

Quem disse que brasonar não é uma parte e uma ciência? A utilização das formas e dos símbolos, a proporção dos esforços, o jogo de cores, a linguagem figurada, são expressões que só alguém preparado tecnicamente será capaz de enquadrar dentro da personalidade de uma terra, que salem de acontecimentos, de ideias, de feitos, de lendas e de história.

Entretanto parece que o assunto vai ser comunicado para estudo, à Câmara Municipal. Ainda bem.

Veja-se o que aconteceu aqui ao lado, em Fão, não vá o mesmo acontecer a Apúlia. Muita prudência, portanto.

Colecção de «O Novo Fangueiro»

Solicita-se aos nossos assinantes, que tenham em sua posse os n.ºs 2-6-8-16-21-27-29-47 de «O Novo Fangueiro» e caso não façam colecção, o favor de os entregar no Zé Barbeiro.

Antecipadamente se agradece.

Optica

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

D. SAPO TINHA PACTO COM O DIABO

(CONCLUSÃO)

Goiós é um lugar que pertence à freguesia das Marinhas, ficando para nascente de Esposende e tão perto que as crianças todos os dias lá vão à escola.

Os homens nas suas horas de descanso e sobretudo à noite dividem-se em três grupos: pescadores no canto da ribeira; os chamados «fidalgos» no rés-do-chão do teatro local designado por Assembleia; os mais modestos apelidados «os de meia tigela» no rés-do-chão do hotel Vilarinho.

O nosso homem, herói das batatas e de outras coisas mais, residia em Goiós e quando a vida corria mal lá perto do monte, deixava-se escorregar até à vila agrupando-se com os de «meia tigela».

Exímio jogador de sueca, todas as noites ganhava uns tostões. Entre os quatro jogadores havia um que era a vítima... «D. Sapo» conseguiu que três esfolassem o pato a quem chamavam o Sr. Nabuco. As apostas todas as noites subiam de preço até que apareceu uma proposta para uma lauta ceia que o Nabuco rejeitou. Rapidamente alguém que parecia estranho ao grupo dos exploradores aproximou a boca do ouvido do Nabuco dizendo: «Não faça isso porque o «D. Sapo» tem pacto com o diabo e pode-lhe fazer mal...» Enquanto falavam, tirou-lhe a carteira que estava cheia de notas. Logo por baixo da mesa a passou para a mão de «D. Sapo». Este logo que recebeu a carteira, levantou-se e com gestos endiabrados, encarando o nabuco de frente, disse:

— Por graça do diabo que passe a tua carteira para o meu bolso!

O Nabuco estupefacto com aquelas palavras e gestos, levou a mão ao bolso onde tinha a carteira e não a encontrando corre para o «D. Sapo» dizendo:

— Albininho dá-me a minha carteira que eu pago tudo...

— Está aqui a carteira mas antes chama a

Sr.^a Aninhas para fazer a bacalhoadá para oito.

Aquela palhaçada foi-se tornando conhecida em Esposende e arredores e os espectadores acorriam em força ao local.

Com a última exigência de «D. Sapo», o Nabuco, apesar de ter medo do feitiço, não concordou.

— «Então se quiseres que as tuas seis vacas e o carneiro não entrem pelo mar dentro tens que as ir buscar à praia»...

— «O Albininho, manda vir as minhas vacuinhas para casa que eu pago-te o que quiseres» — e pôs-se de joelhos aos pés de «D. Sapo».

O Nabuco tinha um filho para o estrangeiro que chegou à sua terra no dia em que o «D. Sapo» mandou abrir as portas às vacas do pai... Mal chegou, logo o puseram ao corrente do que se passava com o pai. Entrou no hotel precisamente no momento em que o seu querido pai estava de joelhos aos pés de «D. Sapo». O filho levantou o pai e deu-lhe um beijo. Agarrou o «D. Sapo», atirou-o pela porta fora para o largo e só deixou de lhe bater e dar pontapés quando lhe pareceu que ele já estava morto. Mais de 50 pessoas assistiram àquele triste espectáculo, mas ninguém se atreveu a intervir. Chamados os bombeiros, logo levaram o morto (segundo as aparências) para a casa mortuária do hospital. Chamada a enfermeira chefe, logo esta fez levantar todo o pessoal.

— «Santo Deus, vejam que mataram o pobre do homem!» — Agarrou-lhe o pulso, encostou o ouvido ao coração e deu um grito:

— «Vão chamar o médico... Tragam este desgraçado para a enfermaria; ele ainda não está morto!»

Graças à eficiência do jovem médico Dr. Joel Magalhães e intensos cuidados da enfermeira chefe, alcunhada de «santa» por viver inteiramente para o hospital, nunca a dona

Cândida de Jesus, recebeu remuneração pelo seu sacrificado trabalho, motivo mais que justo porque se encontra o seu retrato na galeria dos Beneméritos.

«D. Sapo» para perdoar ao filho do Nabuco exigiu boa indemnização... Decorridos alguns meses era monovente ver três adultos e uma criança despedirem-se à porta do Hospital da D. Candidinha.

— Vão com Deus... E agora esqueça para sempre, Sr. «D. Sapo», o pacto com o diabo.

António Agonia Pereira

CENTENAS DE PEIXES MORTOS NO RIO

Na última semana de Setembro a margem esquerda do Rio Cávado apareceu coalhada de peixes mortos. Eram às centenas. Tainhas, robalos e enguias, sobretudo.

O problema é grave. É que além dos peixes mortos que ninguém leva para casa, pensamos nós, existem os outros que, ligeiramente atordoados, podem ficar nos anzóis dos pescadores que os levam para casa a fim de serem comidos. Disse-nos a propósito um pescador de domingo: «Eu agora só vou pescar na Barra».

As autoridades da Freguesia e do Concelho têm de tomar uma atitude. Segundo lemos nos jornais, o Secretário do Ambiente, Macário Correia, afirmou que a multa agora ia de 200 a 40.000 contos.

A Junta e a Câmara não podem limitar-se a ficar pesarosos e a lamentar o sucedido. Têm que agir. Têm que tomar medidas, denunciar a situação.

Por quanto tempo poderemos beber a água captada no Rio Cávado?

FESTAS DO BOM JESUS

Ainda não saiu fumo branco para as festas do Senhor de Fão, ou seja, não existe comissão para os referidos festejos.

Já não faltam muitos meses. Então o decantado bairrismo fangueiro?

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário de Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Mércado, 9-11/Apart. 376/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8 A/1200 LISBOA

PÁGINA JOVEM

O FIM DA HUMANIDADE

Por JOCA

Olá, jovens! Então? Já em pleno labor escolar? Oxalá que tudo corra bem... e que lhes sobrem uns minutinhos para continuarem a colaborar na vossa página!

PAUSA PARA SORRIR

Dois homens discutem, acaloradamente. A certa altura, o mais forte dá um violento soco na cara do outro.

Este, não podendo pagar-lhe na mesma moeda, pois era bastante mais franzino, quis, no entanto, manter a sua dignidade, e ameaçou:

— Isto não fica assim!

Responde o agressor, muito irónico:

— Ai não fica, não! Vai ver que amanhã já tem a cara preta!...

★

A mãe pergunta à filha porque quer desmanchar o noivado. Esta explica:

— Sabe, mamã, é porque ele não acredita em nada. Imagine que nem acredita que o Inferno existe.

Responde a mãe:

— Se é só por isso, não te preocupes. Casa com ele, que nós as duas vamos fazê-lo mudar de opinião num instante...

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

LIBERDADE

*Quero ser livre
Como as aves,
Voando no céu azul.
Livre, como o mar imenso,
Como a chuva, como
O vento
Que levanta vendavais.
Livre como a natureza
Que nos dá tanta beleza,
E campos floridos
Em dias estivais.*

*Poder sorrir sem medo
Ter esperança
Poder esperar.
Poder correr descalça
Na praia, sem
Ninguém.
Poder gritar bem alto:
«— Eu estou aqui,
Sou alguém!»*

SU

OS HOMENS NÃO AMAM AS CRIANÇAS

A Criança brincava
Junto do rio,
E sentiu sede,
E, por entre a relva
Meia morta e chamuscada
Chegou-se à beira do rio,
Baixou-se, e foi em vão
Que procurou o seu reflexo.
Foi em vão que procurou os peixes.
E bebeu a água morta do rio imundo.
E procurou a sombra de uma árvore.
E encontrou uma árvore,
Muito descarnada,
Os ramos quase nus
E meio partidos.
Encostou-se ao tronco rugoso e frágil.
E sob a sombra de uma vida morta,
O Futuro deixou de existir.

MARTA

(Continua)

(Continuado do n.º anterior)

(Continua)



AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Então vamos lá à subidinha habitual? Vamos começar com um

LOMBO DE CARNES VARIADAS

250 gramas de carne de vaca.
250 gramas de carne de carneiro.
250 gramas de carne de porco.
100 gramas de presunto.
100 gramas de toucinho.
Ovos — 3 (inteiros).
Pão — 2 pães pequenos.
Sal e pimenta — q.b.
Vinho do Porto — 1 cálice.

Passam-se as carnes na máquina de picar e os pães, previamente embebidos em leite. Mistura-se tudo muito bem e deitam-se os ovos, o sal e a pimenta, mexendo bem, para ligar. Deita-se, em seguida o vinho do Porto.

Dá-se a esta massa a forma de um lombo e vai ao forno a cozer.

E vamos lá atender aos mais lambareiros, com estas

QUEIJADAS DÊ LARANJA

Açúcar fino - meio quilo.
Ovos — 12 (6 inteiros e 6 só a gema).
Sumo de laranja doce — meio cálice.
farinha de trigo — 1 colher de sopa.

Mexem-se os ovos com o açúcar, deita-se o sumo de laranja e continua-se a mexer. Depois, vai-se deitando a farinha, devagarinho, para ficar bem desfeita. Estando tudo bem mexido, untam-se as forminhas com manteiga e vão ao forno.

(As forminhas só se enchem até meio).

Esperemos que lhes agrade e... bom apetite!

um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

Sugestão para um Jantar

Perante os êxitos obtidos pelo nosso conterrâneo Belmiro Penetra, não se justifica já um jantar em sua homenagem?

Esta pergunta é feita a todas e a qualquer uma das entidades de Fão.

Estadas e Partidas

Já regressaram aos seus lugares de trabalho no estrangeiro os nossos conterrâneos que aproveitaram o mês de Agosto para rever os seus familiares, amigos e a terra sempre amada. A maior parte, como se sabe, trabalha em França.

★

Para o Brasil partiu o casal Maximino e Rosa Calafate. Agradecemos a este casal amigo a gentileza de um almoço de despedida em casa do Adelino Saraiva.

Com este gesto de fidalguia e outros similares, o Director de «O Novo Fanguetiro» sente-se totalmente compensado de algumas aleivosias que por vezes certos energúmenos se lembram de proferir.

★

Para França seguiu também o mortagense Ricardo Alves da Silva, acompanhado de sua gentil esposa.

Fizemos uma boa amizade com este casal a quando da visita do C. F. de Fão a Paris, um memorável passeio, diga-se. Estivemos em sua casa e pudemos admirar então o seu grande civismo e patriotismo. Já referimos na altura que o amigo Ricardo, sempre que via uma garrafa vazia no chão, ia de imediato colocá-la num recipiente de lixo «para que estes gajos não digam que os portugueses são uns porcos».

O casal visitou alguns dos seus amigos fanguetiros e jantou em casa do cozinheiro Cardoso.

Agradecemos a visita e desejamos muitas felicidades.

★

O Zé Barbeiro já nos deu conta de que se encontra em Fão, vindo do Brasil, o nosso bom amigo Amândio Caramalho, acompanhado de sua esposa. Mais uma visita de saudade. É outro fanguetiro que não esquece Fão e que tem revelado uma grande dedicação ao nosso Jornal.

Apetecemos-lhe boa estada entre nós.

DOENTE

Numa clínica do Porto foi sujeito a uma intervenção cirúrgica o nosso prezado anunciante Aleixo Ferreira. A operação correu bem.

Ao querido amigo desejamos uma breve e completa convalescença.

Estandarte de Fão

Dos Irmãos Matias, autores de uma bandeira de Fão, recebemos o texto que a seguir se publica.

«A cor de fundo azul, e o listal amarelo, representam as cores do concelho a que Fão pertence. Sendo assim, ao centro encontra-se um escudo peninsular com dois cavalos, que relembram a conhecida lenda dos cavalos de Fão. Por cima deste, está uma coroa dourada com pedras preciosas que significam a riqueza do rei Ofir, que encalhou nuns penedos que se encontram no mar, e que hoje são conhecidos com o nome de «Cavalos de Fão». Quanto às cruses de Cristo, elas estão relacionadas com a vinda de cruzados que ajudaram os reis cristãos na reconquista da Península Ibérica, e também com a lenda e imagem muito venerada nesta vila, o Senhor Bom Jesus de Fão.

Tudo isto para provar, que a bandeira de Fão não foi imaginada por mero acaso, mas sim, tendo como base factos históricos e lendários».

N.R. Pese muito embora os esforços e o cuidado dos Irmãos Matias e o seu inegável amor a Fão, entendemos que a bandeira de freguesia devia ser escolhida por uma comissão onde figurasse um *expert* em heráldica.

Alegam aqueles nossos conterrâneos que a actual bandeira foi aprovada pela Junta de Freguesia e pela Assembleia Municipal. Gente simpática, sem dúvida, mas havia lá alguém entendido em brasões? Parece-nos que não. E sem este requisito, nada feito. Este é o nosso ponto de vista.

Pagaram a Assinatura

1989 — Amândio Cardoso da Silva, Fão, 500\$00. 1989/90 — Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 1.250\$00; Humberto Gonçalves Didier, Porto, 1500\$00; D. Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos, 1500\$00; Irmã Moteo, França, 2000\$00; Belmiro Cândido Gomes Viana, Porto, 1000\$00; Artur Santos Ferreira, Gandra, 1250\$00 e Delfim Ferreira, França, 2000\$00. 1990 — Jaime M. Vinha dos Santos, Porto, 1000\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; Emídio Peixoto de Uleeschouwer, Bélgica, 5000\$00; D. Rosália Araújo Ferreira, Fão, 750\$00; Manuel Faria Solinbo, Braga, 1000\$00; Desembargador Dr. José Ramos da Fonseca, Fão, 1000\$00; Maximino Gomes Calafate, Brasil, 1000\$00; Raul Caseiro, Esposende, 1000\$00; D. M.^a Carolina Magiol Nogueira, Lisboa, 1000\$00; Eng. Ruben Agonia Pereira, Lisboa, 1000\$00; José Graça, França, 1000\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto, 750\$00; D. M.^a Adelaide Gonçalves Morim, Fão, 750\$00; António Reis Graça, Fão, 750\$00; Artur António Silva Sobral, Fão, 750\$00; Armando Reis, Fão, 750\$00; Reitor Sá Pereira, França, 1000\$00; João Ribeiro, Sulca, 1000\$00; Amândio Ferreira, França, 1000\$00; António Gaia, Porto, 750\$00; Carlos Artur Ferreira Graça, França, 1000\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 750\$00; Manuel Elias Ferreira Graça, França, 1000\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Arq. Rui Moura Leal, Porto, 1000\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 1000\$00; D. Aida Mariz Mendes, Porto, 750\$00; Maria Belmira Mariz Dias Ferreira, Valongo, 750\$00; Joaquim Alberto Peixoto, Esposende, 1000\$00; António Barros Peixoto, Fão, 1000\$00; Francisco Ventura Peixoto, Canadá, 5000\$00; Maria de Lurdes Campos Pereira, Fão, 750\$00; Manuel Arantes Gomes, França, 1500\$00; Dr. Alberto Malafaja Baptista, Porto, 750\$00; Elvira Cubelo, Fão, 1000\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 1500\$00; Ant. Teixeira da Silva, Esposende, 1000\$00; Eng. Carvalho de Matos, Porto, 750\$00; António Morais Casanova, Amadora, 750\$00; Domingos Morais da Silva, França, 1000\$00; Manuel Sousa, França, 1000\$00 e Ramiro Capitão, Austrália, 1000\$00.



FUTEBOL

TAÇA ASSOCIAÇÃO FUTEBOL DE BRAGA

FÃO, 0 — ANTAS, 2

Iniciou-se a época oficial com a primeira eliminação da Taça A.F. de Braga, o C.F. Fão, ao perder com o Antas, ficou fora de prova. Esta que anteriormente era disputada por séries, dava mais vantagens às equipas que faziam mais jogos e melhor se preparavam para o campeonato e, porque as equipas vizinhas jogavam entre si na bilheteira, notava-se a diferença para bem das finanças dos clubes. Assim, pela lei do bota-fora, o Fão não foi feliz, também não jogou muito bem diga-se em abono da verdade. O Antas mostrou-se uma equipa mais entrosada e, mais feliz, conseguiu concretizar as duas oportunidades que lhe apareceram na 2.ª parte, enquanto que o Fão no primeiro tempo não soube aproveitar algumas ocasiões propícias para abrir o activo.

CAMPEONATO DISTRITAL DA I DIVISÃO

DUMIENSE, 2 — FÃO, 1

Fão alinhou com: Carlos, Agra, Eurico, Vita e Jaime; Flávio, Sousa, Didi, Pedro, Zezinho e J. Costa.

Suplentes: Chabregas, Rogério e Alberto.

Treinador-Jogador: Rocha.

Marcador do golo do Fão: Eurico.

O C.F. de Fão também não começou o Campeonato com o pé direito, claro que perder fora é um mal menor e também sabemos que a 1.ª divisão é um campeonato mais competitivo. Enfrentam-se adversários mais traquejados, alguns com experiência inclusivé da 3.ª Nacional. A equipa do Fão que fez uma excelente época na 2.ª Regional, vai ter que enfrentar muitas contrariedades e terá que lutar muito para conseguir o seu objectivo, e não será por isso que perderá o valor que demonstrou a época passada.

A base da equipa é a mesma, tendo a defesa e o meio-campo sido reforçados. Apenas o ataque não tem correspondido.

Neste jogo há a realçar negativamente a expulsão de dois jogadores do Fão que jogou quase toda a 2.ª parte apenas com 9 elementos.

FÃO, 0 — ÁGUIAS DA GRAÇA, 3

Não se esperava que o Fão perdesse este jogo da maneira desastrosa como aconteceu.

O ataque do Fão não correspondeu, mas isso já vínhamos notando nos jogos anteriores. Mas a defesa a cometer tantos erros, por isso não esperávamos. E assim fangueiros saíram do campo bastante aborrecidos com o resultado, de que não estavam à espera.

O adversário mostrou ter uma boa equipa, quer no seu conjunto quer em valores individuais, mas o Fão numa tarde infeliz facilitou-lhe a vida, lá isso é verdade. Mas não há que desanimar, pois o Campeonato é longo, e apoiando a equipa vamos ter esperança em melhores resultados.

TORNEIO DE FUTEBOL DE CINCO

Terminou esta Prova (uma feliz iniciativa de Agostinho Araújo, Carlos Cândido e Tó Soares) que desta forma deram uma grande ajuda desportiva e financeira ao Clube de Futebol de Fão. Por isso achamos que nunca é demais realçar, pois uma organização destas é muito trabalhosa.

Das 8 equipas concorrentes, as 4 que disputaram as Meias-Finais e a Final tiveram a seguinte classificação:

1.ª, Moisés Banheiro; 2.ª, Anfal Cabeleireiro; 3.ª, Águias Serpa Pinto; 4.ª, Auto Chapinhas.

Taça Disciplina: Equipa Sector 1 de Barcelos. Melhor Marcador: Paulo Eiras (Moisés Banheiro).

Melhor Guarda-Redes: Manuel «Casalho» (Moisés Banheiro).

JOÃO PEDRAS

NOVO «SHOW» NO CASINO ESTORIL

«007 — Ordem para Jogar» é o título do novo Show Internacional do Casino Estoril cuja estreia decorreu recentemente.

Além da orquestra privativa do Casino Estoril, o «Show» conta ainda com o Higt Society Ballet, com 22 esculturais bailarinas profissionais, a contorcionista Fátima Zhora, os fantasistas dinamarqueses The Nummenschanz, Johnny Martin, Teresa Maiuko, Rita Guerra, o Conjunto Musical Polaco Dux e, como entertainer e «007», o conhecido actor Victor Espadinha.

Esta nova produção do Casino está indubitavelmente ao nível das melhores salas de «music-hall» europeu: óptimos artistas num restaurante de luxo, o «Salão Preto e Prata», onde os clientes além de poderem apreciar um elenco de qualidade, que lhes proporcionará um espectáculo de categoria excepcional, podem ainda saborear, a preços perfeitamente aceitáveis, a requintada gastronomia que é já tradição do Casino.

Relativamente ao «Show», este conta com um total de 45 artistas de várias nacionalidades e estará em cena durante os próximos meses.

Esta produção, cuja montagem ronda os 100 mil contos, é inteiramente baseada na figura do agente secreto 007, a que James Bond nos habituou e nela acontecem coisas fabulosas: Um helicóptero irrompe, suspenso, pelo Salão do Restaurante, um carro invade o palco para levar, imagine-se, o próprio Gorvatchev, faz-se uma visita à China e os imprevistos sucedem-se numa sequência de Ballet, atracções visuais e momentos musicais verdadeiramente espectaculares.

Desta vez quem apostou alto foi o Casino que investiu em «Lasers» e muitos outros recursos e materiais sofisticados, importados expressamente para a produção de efeitos especiais ao longo do «Show», que tem a duração de uma hora.

HOTEL ESTORIL-SOL

Comemora 25 anos e inaugura nova piscina

Uma nova piscina acaba de ser inaugurada no Hotel Estoril-Sol por ocasião das comemorações dos 25 anos daquela conhecida unidade hoteleira da Costa do Estoril, numa festa inolvidável para os cerca de 500 convidados que estiveram presentes no «Pôr do Sol» que constituiu o ponto alto da festa realizada.

O Dr. José Manuel Passeiro, Presidente da Empresa, que saudou os convidados, entre os quais o Dr. Fernando Real (Ministro do Ambiente e Recursos Naturais), Alfredo César Torres (Secretário de Estado do Turismo) e o Dr. Pedro Santana Lopes (Secretário de Estado da Cultura), aludiu ao plano de obras em curso para total renovação desta unidade hoteleira e que irá decorrer em três fases, das quais já está concluída a primeira.

Até ao momento, foram renovados todos os quartos de 4 pisos, substituídos todos os elevadores e outro equipamento do Hotel, além da nova piscina e instalações anexas, projecto do Arquitecto Caldeira Cabral e que custou cerca de 70 mil contos.

Recorde-se que o Hotel Estoril-Sol dispõe de 350 quartos e suites, salas, com capacidade para 40 a 1.200 pessoas, que permitem a realização de reuniões, congressos, seminários e recepções, um restaurante com capacidade para servir banquetes para 1.000 pessoas, grill, todas as noites, com música ao vivo por um qualificado quarteto polaco, «Coffee-Shop», «Night-Club» e «Health-Club».

Com as obras de modernização e que envolvem um investimento superior a milhão e meio de contos, o Hotel Estoril-Sol prepara-se para iniciar um novo ciclo de uma verdadeira unidade hoteleira de luxo vocacionada, pelas suas características, para uma clientela exigente e um turismo de qualidade.

Animação pelos Hotéis

No passado dia 4 de Agosto o Hotel Ofir ofereceu aos seus hóspedes um programa de variedades a que chamou «Noites de ofir em tempo de Verão».

Foi de facto um programa bem conseguido que meteu ranchos folclóricos, música tradicional portuguesa, música ambiente, surpresas, artesanato, rifas, jogos tradicionais e fogo de artifício.

Nos «Comes e Bebes» havia barracas dos doces, pipocas, algodão e outros que tais. E ainda: caldo verde, sardinhas, frango no churrasco, fêveras, espetadas de borrego em «pau de loureiro», mesas de saladas saloias, doces regionais, vinho de pipa, sangria e barracas de bebidas.

Foi de facto um espectáculo inolvidável que satisfaz as largas centenas de pessoas presentes.

Aos dias de semana, à noite, tem actuado naquela unidade hoteleira, para regalo dos seus frequentadores, um conjunto «pop».

★

O Hotel do Pinhal tem animado as noites dos seus hóspedes com dois conjuntos musicais. Um exhibe-se diariamente no chamado Bar do Pescador. O outro conjunto actuou no mês de Agosto e primeira quinzena de Setembro, em alguns dias da semana. As quintas-feiras havia fado. Um serviço de Barbecue esteve continuamente aberto durante os meses de Verão, à hora do almoço.

C. F. DE FÃO

Do C. F. de Fão recebemos a seguinte carta:

Ex.mos Senhores,

Vimos por este meio confirmar a V. Exas. que o nosso Clube distinguiu o «Novo Fangueiro», não apenas com uma medalha comemorativa, mas sobretudo com uma «placa» personalizada, pelo apoio e divulgação que nos foram dados ao longo desta última época desportiva.

A não referência simultânea, aquando do último encontro no Hotel do Pinhal, deveu-se a um lamentável lapso, aliás extensivo a outras entidades, provocado pela não entrega de todas as medalhas encomendadas, assim como das poucas placas que decidimos atribuir.

Com as nossas desculpas, apresentamos a v. Exas. os nossos melhores cumprimentos.

A Direcção



CARTAS AO DIRECTOR

Fão, 25 de Julho de 1990.

Exmo. Sr. Director de
"O NOVO FANGUEIRO"

Na edição n.º 73 de 10 de Junho do seu Jornal, sob o título «Cartas ao Director», atribui-me V. Exa. a autoria dessa mesma carta. Assinada por «Da Torre, a intuição iluminada de V. Exa. deduziu, sem esforço ou necessidade de averiguação que, afinal, o Joaquim Neves renegara o seu próprio nome ou escondera-se cobardemente sob pseudónimo, para lhe dizer uma heresia de que só ele seria capaz: *Que o seu Jornal não presta.*

Embora carecendo de muitas misérias recuso as de hipócrita ou cobarde. Por isso e porque é *mentira* não só a autoria da carta — que não desdenharia — mas principalmente os «mimos» com que V. Exa. me presenteia, rogo-lhe publique esta minha carta de desmontagem das suas difamações e calúnias, irresponsáveis porque falsas e que *esmurram ódio* porque irrazoáveis.

Realmente eu não escrevi essa carta por muitas razões lógicas:

— As críticas que tinha que fazer já as fiz, cara a cara como muito mal recorda. E digo muito mal porque se é verdade que o apodei de chocho, essa de eu ter dito que também era mau porque *«não ataca ninguém»* é, evidentemente, *mentira*. *Tenho testemunha de lhe ter feito, pela 2.ª vez, igual reparo, com a delicadeza e respeito que todas as pessoas me merecem até que justifiquem o contrário.* Aceite que a frontalidade não prejudica, necessariamente, o respeito pelo próximo. quando as pessoas são *malcriadas, mal intencionadas, venenosas*, assalta-me a vontade indomável de retribuir em dobro. Mas, e voltando ao que interessa, eu não tinha que me dirigir mais ao seu jornal porque, construtivamente já tinha dado todo o meu contributo. V. Exa. quis um Jornal «pedagógico» (lembra-se?) e eu até pensei, na minha boa fé, que nunca seria a *pedagogia da mentira, da invenção, do embuste*. Tal como então disse a V. Exa., a polémica seria inevitável a partir da altura em que se expressassem duas ou mais opiniões. E seria salutar, e seria proveitosa. Só que o seu jornal tem só uma opinião que é a sua e dos seus «amigos» e (des)informadores. Um Jornal ou outro qualquer órgão de informação deverá ser como o árbitro que é tanto melhor quanto mais livremente deixar evoluir os intérpretes do jogo e velar apenas pelo cumprimento das regras. não pode ser o *palco das vaidades dos seus fautores da mentira, dos frustrados arrogantes, dos intelectuais de pacotilha ou dos invejosos dos sucessos albelos* porque nunca foram capazes de fazer nada.

Posso provas e documentos sobre o «bairrismo» e «desinteressada» colaboração e também da competência e seriedade de alguns dos mais auto-proclamados «Fangueiros». Pode ser que surja ocasião, se me parecer que Fão lucrará com isso, em que se divulgue os actos desses «Filantropos». Enquanto a apatia da comunidade perante os factos for a reacção habitual, não valerá a pena.

Por isto tudo e o mais que não digo, *eu não escreveria para o seu Jornal.*

Também não trataria V. Exa. por «Prezado Amigo» ou lhe endereçaria um «Abraço Amigo». É que, repito, não sou hipócrita e V. Exa. nunca me deu, também, confiança para tais intimidades. Deve pois, Sr. Doutor (sempre foi assim que o tratei), procurar, entre os seus íntimos o autor de tão sacrileja crítica, e agradecer-lhe, «se a alma não for pequena» *E se o arrepiar caminho do seu Jornal ainda valer a pena.*

Por fim e quanto ao Carnaval, também lhe vou responder, não por V. Exa. mas pelos seus leitores que porventura possam ser induzidos em erro, pensando — embora sendo improvável — que a informação tenha bases sérias.

Realmente as alusões de que fui alvo no desfile de Carnaval não foram ofensivas da minha honra ou dos meus méritos. Pelo contrário, e apesar do meu pecado da vaidade, achei exagerada a importância que me deram. foram muito gentis e ... muito decentes. Porque há muita gente decente.

Apesar da surpresa a minha manifestação foi imediata. E não foi de falta de «Fayr Play». Não me «abespinhei» Sr. Doutor! O caracterizado de D. Afonso Henriques e as pessoas que se encontravam perto de mim e *me viram*, são testemunhas. E só essas o podem ser! Porque quem quis inventar palavras que não foram usadas e lhes procurou significados porcos para me «abespinhar» foi o seu Jornal. Como na anedota do «Carlinhos», incapaz de descortinar um palavrão começado por «A», o seu Jornal teve de trocar as palavras para conspurcar a «fina ironia» e a decência dos escritos do Carnaval Fangueiro. «*Esmurrando ódio!*» Porquê?... pelo que me dizem, ninguém lhe liga mas ... Confesso-lhe Sr. Doutor, magoa ...

Nunca pedi nem mínimamente me insinuei para ocupar cargos. Os que em Fão ocupei ou ocupo, recusei-os. Por razões que seria fastidioso historiar acabei por ocupá-los. Nem todos os que me foram oferecidos como, por exemplo, o de Presidente dos Bombeiros. Foi o falecido Sr. Pinheiro. Há testemunhas e ainda hoje me doi a recusa porque ele ficou muito magoado com ela.

Tenho feito o que posso e sei. *Parece-me muito positivas as minhas passagens pelas instituições de Fão.* Só para mim não foram positivas porque me arruinaram a minha vida profissional. Mas não culpo ninguém porque sou o único responsável. Assumido e, de certo modo feliz. *Mas peço-lhe que não se apoquente com os meus prejuízos.* Com os meus proveitos ... Bem, não lhe digo nada para não ter que me envergonhar do valor «material» do meu trabalho. Incansável, pelo menos, mas também profícuo e proveitoso.

Não precisa sugerir jantares em minha homenagem ou descrever o meu perfil; não se incomode em publicar os meus méritos ou dar conta dos meus actos no engrandecimento de Fão mas, pelo menos, *não minta, não invente, e faça-me o favor de ser feliz.*

Agradecido pela atenção

PS — Resisti ao meu repentismo habitual e esperei que V. Exa. reparasse o erro e pedisse desculpas dele. Bastar-me-ia porque, acredite, tenho muito que fazer e com que me preocupar. Por Fão, não só por mim. Perante a persistência de dar o dito por verdade, vejo-me forçado a pedir-lhe a publicação desta carta pelo direito que me assiste e V. Exa., indubitavelmente, reconhecerá.

★

Torna-se evidente que o Senhor Joaquim Neves, não sendo o autor da carta publicada no n.º 73 deste Jornal, referente ao mês de Junho, na rubrica «Cartas ao Director», tem razão no seu protesto.

Houve, da nossa parte, uma confusão de identidade, a que não foi estranho o facto de o autor da referida carta ter usado o pseudónimo «Da Torre».

Por esse lapso, apresentamos as nossas desculpas ao Senhor Joaquim Neves.

Tratou-se, porém, de um erro involuntário, isento de qualquer animosidade ou má-fé. Por isso alguns termos contidos na carta do Senhor Joaquim Neves nos parecem exagerados. Por exemplo: a palavra *mentira*, insistentemente repetida.

Como é do conhecimento geral, há uma grande diferença entre *mentir* e *ser inexacto*, entre uma *mentira* e uma *afirmação falsa*.

Um indivíduo *mente* quando deturpa *intencionalmente* a verdade. Quando, porém, afirma algo

que não é exacto, mas convencido de que o é, e sem intenção de deturpar a verdade, comete uma *inexactidão*, quando muito uma *falsidade*, mas não uma *mentira*.

«O Novo Fangueiro» pode expressar *inexactidões*, mas *não mente*.

Por tudo isto, parece-nos excessiva e imerecida a agressividade da carta do Senhor Joaquim Neves.

Os nossos leitores, porém, julgarão.

RESPOSTA AO SR. DA TORRE

Esperamos que leia a carta do Senhor Joaquim Neves, atrás publicada - pelo menos a primeira parte.

Como vê ele classifica de *bipócrita* e *cobarde* quem renega o seu próprio nome ou se esconde *coardamente* sob pseudónimo para fazer uma crítica.

E no seu caso, Senhor «Da Torre», ainda há mais: é estranho que se tenha refugiado no anonimato - e com um pseudónimo ambíguo - quando as suas críticas são apresentadas como construtivas pois, segundo afirma, só deseja um «*Novo Fangueiro*» *cada vez melhor*. Se a crítica é bem intencionada, não há que ter medo ...

E já que falamos de coisas estranhas há ainda outra: é muito estranha a coincidência entre os pontos fulcrais da sua crítica (e até da terminologia usada) e os de uma outra crítica que há tempos foi feita a «Novo Fangueiro» por um sacerdote católico que pretendeu colaborar neste Jornal e que nós não acertamos, a saber: a alusão à falta de artigos de fundo com interesse; o ataque cerrado à «Página Jovem» e a insistência na entrevista ao Director da Faoz; a referência à «pobreza franciscana». E mais: é também da autoria desse sacerdote o único trabalho que nos enviou sobre S. Francisco de Assis que não foi publicado, mas do qual, pelos vistos, o senhor «Da Torre» tem conhecimento. Até o leu.

São muitas coincidências. Pela formação que tivemos, recusamo-nos aceitar, nem mesmo como hipótese, que um sacerdote possa refugiar-se no anonimato para nos «obsequiar» com as suas ironias — ou melhor, com as suas troças, que a ironia é coisa mais subtil — com as suas censuras, com a sua desaprovação.

Não. Não acreditamos que ele possa estar ligado a isto. Cremos que deve ser apenas uma série de coincidências. Demais, trata-se de um sacerdote que invoca insistentemente a sua qualidade de *professor*. Como tal, ele sabe, certamente, que a melhor pedagogia é a do exemplo e portanto não iria dar aos jovens seus alunos o triste exemplo de alguém que não tem a coragem e o desassombro de assumir o que escreve e que, para criticar, tem de se esconder, *coardamente*, como muito bem diz o Senhor Joaquim Neves, por detrás de um pseudónimo.

E, a terminar, aqui fica o aviso para o Senhor «Da Torre» e para quem possa interessar:

NÃO REPETIREMOS O ERRO. Não voltaremos a publicar cartas anónimas. De futuro, a correspondência que recebamos de indivíduos não identificados, irá directamente para o cesto dos papéis. Sem sequer nos fazer perder tempo com a sua leitura.

Escola das Pedreiras

Chama-se a atenção das autoridades competentes para o que se passa actualmente na Escola das Pedreiras: a moçada das redondezas entra no recinto do recreio, joga à bola, sobe ao telhado, deixa lixo, enfim faz o que lhe apetece, causando prejuízos e muito mau aspecto.

Será que a colocação de uma porta à altura da rede que circunda o recinto resolveria o caso? Estamos em crer que sim.

Aqui deixamos o recado.

FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

Isto é que vai uma crise!...

1. Dirigentes. Precisam-se.

Nos últimos anos a vida social, na nossa Terra, mudou. Talvez, presumo, provocada pelo impacto televisivo das novelas (romances) brasileiras; Talvez pela mudança política operada com a nova democracia; Talvez pelos direitos de igualdade e liberdade adquiridos, os dirigentes tradicionais, recrutados nas pessoas mais instruídas, mais cultas, mais respeitadas, devido a uma longa tradição de «Pacatos» e «Grulbas» recrutada entre «brasileiros» regressados ao Torrão natal, com uma formação e bairrismos invulgares para a época e, quer queiramos quer não, muito amigos de Fão, e muito necessários naqueles tempos, todos esses dirigentes, acrescentando os que viviam dos rendimentos, mais os reformados disto ou daquilo; toda esta galeria de ilustres fangueiros (acrescentando os párocos) dignificavam, projectavam e dinamizavam as várias instituições fangueiras. Reparem que eu refiro-me ao passado. Hoje, estão em vias de extinção. Ou porque vestiram o roupão e calçaram as pantufas e numa cadeira-preguiçosa digerem o Jornal e as Telenovelas (Teleromances), ou porque sentem na pele a injustiça e ingratitude da bipocrisia social, das intrigas palacianas, da maledicência local, o que é certo e notório é que estes Homens (com maiúscula) são saudade do passado. Hoje, já não há duas listas de candidatos para isto ou para aquilo (a não ser para a Junta e para o Hospital). É a grande dificuldade no recrutamento de dirigentes. Vejamos: Festas do Bom Jesus — sempre ou quase sempre — os mesmos; Futebol — que dor de cabeça! — para o Presidente da Assembleia Geral — é difícil arranjar quem queira — sempre ou quase — os mesmos. Irmandades — igual. Sempre os mesmos. Quarenta anos a Presidente (Juz) da Irmandade das Almas foi muito tempo! Os mesmos e quase todos de «cabelos brancos». Assim, as várias instituições locais e que tanto dignificaram a nossa vila sofrem de duas maleitas: Morreram ou caminham para lá. As que morreram: Festas da Bonança e Santo António; Fanfarra e Escuteiros; Clube dos Grulbas e Amigos de Fão; M.P.C.C. e Clubes de Bairro de Teatro. As que vão sobrevivendo, fazem-no como a Salvé Rainha — Gemendo e Chorando ...

Porquê? Porque muitos não estão para levar no «Traseiro» a ingratitude de alguns; porque ou-

tros são penduras de fim-de-semana; porque outros engordavam e tornaram-se barões. E os jovens? Estes estão motivados para a «nova vaga». Pouco lhes diz a Terra que os viu nascer e onde nasceram os seus pais. Seria a fome que nos unia? Seria a falta de vídeos - televisão que nos atraía ao Largo da Terra?

A «coisa» está preta ...

2. Isto é que vai uma crise!

Crise ... de água no rio Cávado, em Fão. Um pouco a Sul do Cortinhal, há muita água ... mas é de Tinturarias e similares. De 28 de Setembro a 30 do mesmo mês no poço da Martinha — vulgarmente conhecido pelo paúlo — onde desagua o rego dos Gaiífus, apareceram centenas de peixes mortos, outros moribundos. Eram Tainhas e Robalos de fazer inveja ao anzol — alguns com mais de um quilo! Morreram invenenados, intoxicados. Morreram azuis! Não tinham água para nadar. Tinham só tinta! E a autarquia local e municipal sabe. Não autorizou. O esgoto já tem anos! Mas aceita. Admite que as tinturarias despejem em pleno coração turístico os seus efluentes. Continua a permitir que a estrada nacional seja invadida por águas gordurosas e azuladas no cruzamento do Ramalhão; continua a permitir que essas fossas e não só liguem os seus esgotos ao rego das águas fluviais. Não permitiram. Já vem de trás. Herdaram. Certo. Mas então não se corrigem os erros? Porque esperamos? Novas eleições? A coisa começa a ficar preta ... Azul já está.

3. Isto é que vai uma crise!

De bandeiras. Houve uma Assembleia de Freguesia. Nos bastidores, disse-se que o assunto mais importante seria discernir sobre as «Armas» de Fão. Estamos mesmo em crise. Para o próximo número, pode ser que esta Assembleia dê pano para mangas. Ou a montanha pariu um rato!

4. Isto é que vai uma crise!

De Transportes. Na Rua das Pedreiras. A Empresa Linhares começou a utilizar as Traseiras da rua no percurso Rio Tinto, Fonte Boa, Fão nos transportes escolares. Os alunos, moradores naquela artéria, são obrigados a fazer os desvios dos caminhos transversais, para «apanbarem» o autocarro. No Inverno é mau! Não seria mais fácil

obrigar camiões e outros veículos a circular nessa variante e o autocarro de transporte escolar continuar a atravessar essa rua? Não baverá, por parte do transportador o sentido da lei do menor esforço? E o que me dizem à super lotação? Alunos não são sardínhas!

Antes que a «coisa fique preta» vamos emendar o erro.

5. Nem só de crises ... vive o Jornal.

Ouro ... muito ouro sobre azul.

O «Mirinho Penetra» é uma glória local e nacional. Ainda não é a «Rosa Mota» mas caminha para lá. Sem vaidades e com muito trabalho, teremos Fão e o seu Clube Náutico nas bocas do mundo. Recortei do Jornal de Notícias da última semana este texto:

«Seleção Portuguesa brilhou na Venezuela. A seleção portuguesa de canoagem brilhou nos Jogos Ibero-Americanos, realizados em Barcelona, Venezuela, ao conquistar duas medalhas de ouro, oito de prata e duas de bronze.

O canoísta júnior Belmiro Penetra logrou atingir o primeiro lugar, em K1 5000, e em K2 5000, com António Monteiro, mantendo assim a «invencibilidade» alcançada durante o ano no decorrer das provas de Hazewinkel, (Bélgica), Bratislava (Checoslováquia) e Nottingham (Inglaterra).

A seleção nacional, formada por José Ferreira, António Monteiro, Rui Fernandes e Joaquim Queirós, classificou-se na segunda posição, tanto em K4 1000 como em K4 10 000, provas em que a vitória coube à formação cubana.

No final da competição, Portugal alcançou 12 medalhas, distribuídas pelas seguintes categorias: ouro em K1J 5000 e K2J 5000; prata em K1 500, K4 500, K2J 500, K1 1000, K2 1000, K2J 1000, K4 1000 e K4 10 000; bronze em K1J 500 e K1J 1000.

Destá forma, Portugal foi o único país a contrariar o domínio absoluto da formação cubana, conhecida como a RDA da canoagem americana».

A Tia Maria do Fino tem em casa «ouro sobre azul». Parabéns. A coisa por lá não está preta ... está dourada com tantas medalhas.

Mas, ao referir as vitórias do Mirinho, não poderemos esquecer todos os que directa ou indirectamente o apoiam: Né Vieira, Minguinhos, Autarquia Local e Municipal, Federação de Canoagem e outros anónimos que gostam dos desportos náuticos.

A coisa está mesmo dourada. Não fosse o Minguinhos um carola ourives ... que não gosta do seu nome no Jornal. Mas merece-o.

CANTO FLORIDO

BELEZA ATRAVÉS DAS PLANTAS

Nasce-se bonita ou feia. Mas uma pessoa feia pode tornar-se bela e esta deve continuar sendo-o. É uma questão de vontade, de disciplina — e de conhecimentos.

No domínio da beleza vivemos, hoje em dia, uma época da perfeição. Não há o direito de «se laisser aller», de não se esforçar, devemos saber tirar partido do que a natureza nos concedeu.

As plantas constituem um elemento importante nos espaços e ambientes conseguindo torná-los agradáveis e saudios.

Na decoração de interiores, na preparação de cosméticos, as plantas são o milagre que torna tudo possivelmente... natural. As surpresas e os efeitos inesperados irão surgir quando nos dispusermos pôr mãos à obra.

Para obtermos efeitos notórios temos que ter em conta a dosagem, o conhecimento de nós próprios... etc.

Saberemos que tipo de pele é a nossa, é indispensável para se poder seleccionar cada ingrediente, passando depois, à preparação do cosmético.

As receitas conseguidas poder-se-ão adaptar às nossas necessidades após um conhecimento da reacção da pele em relação às diferentes plantas.

Sabemos que elas podem beneficiar a nossa pele, podem contribuir para fazer sobressair a nossa beleza.

Mas como?

VALENTINA BARBOSA
Ilustrações JAIME GUIMBRA



(Continua)

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Os homens eram poucos para defender a povoação, pois alguns comerciantes tinham-se deslocado a Luanda para tratar do reabastecimento dos seus estabelecimentos.

As armas que estes possuíam só serviriam para se deixar matar de cabeça erguida. Portanto, não se podia mandar mais ninguém avisar fosse quem fosse, sem deixar em perigo as mulheres e as crianças que ali se encontravam.

Entretanto ouviu-se um ruído de um motor de carro que se aproximava. Era um jeep do Augusto Correia, comerciante na povoação do Kólua; vinha de Aldeia Viçosa, e ao ter conhecimento do que se estava a passar, pretendia ir buscar a esposa que estava no Kólua. O homem estava desesperado e pedia voluntários para irem com ele. Ora os homens já eram tão poucos e as armas menos ainda. Como teve dificuldade em arranjar voluntários, dirigiu-se para mim:

«Ramos anda comigo buscar a minha mulher ao Kólua. Na sua voz havia angústia e súplica. «Não» — respondi — «sou seu amigo, senhor Correia, e gostaria imenso de o poder ajudar; mas como sabe, tenho aqui a minha mulher e duas filhas e não as vou abandonar, para tentar socorrer ninguém, até porque tenho as minhas dúvidas de que conseguíssemos chegar ao Kólua».

O Kólua era uma pequena povoação comercial com apenas quatro casas e que distava de Vista Alegre cerca de cinquenta quilómetros por picada de terra que naquela época do ano era um perfeito lamaçal. Independente disso, teria que passar por Cambamba, que, segundo Cambamba ficava a meio caminho entre Vista Alegre e o Kólua.

Depois de algumas cenas comovidas do senhor Correia, dois voluntários ofereceram-se para o seguir. Eram solteiros e como tal, só tinham que defender a pele, e defende-la ali ou em outro lugar qualquer, seria o mesmo.

Quando o carro arrancou, fizeram-se preces para que tudo corresse bem. Só que nós ficámos com menos homens e com menos duas armas.

Depois de uma refeição improvisada, estenderam-se uns cobertores no chão, e deitaram-se as crianças. As mais pequeninas adormeceram rapidamente; as mais velhinhas tentavam não adormecer.

Aproximei-me da minha filha mais velha e perguntei-lhe:

«Geninha, porque não dormes?»

Esta respondeu: «Papá, os pretos vão nos matar, não vão?»

«Claro que não, minha filha, nós nunca fizemos mal aos pretos. Porquê é que eles nos haveriam de matar? Dorme vais ver que amanhã já estará tudo bem!»

Pouco tempo depois, ouviu-se novamente o roncar de um motor. Era o jeep do Correia que voltava. Os homens saíram apressadamente. «Não conseguimos passar», exclamaram eles. «Quando chegamos ao primeiro riacho, estavam lá os pretos a deitar a ponte abaixo, e nós, para virar o jeep para trás, tivemos que fazer uso das armas, senão eles caíam-nos em cima».

Portanto, temos que sair daqui o mais rápido possível, pois eles estão a cortar todas as pontes e se demormos, jamais daqui sairemos.»

Estabeleceu-se uma confusão. O Chefe do Posto era de opinião que se deveria fugir pa-

ra Carmona, que distava dali 100 Kms. Nós éramos de opinião contrária. «A termos que fugir seria para Luanda, pois só de lá nos poderá vir algum auxílio.»

Então o Chefe e alguns seguidores, entre eles o Setas, partiram na direcção de Carmona.

Na camioneta do Bom Destino pusemos muitos cobertores que estavam na casa comercial e neles embrulhámos as crianças. Todos aqueles que não tinham carro subiram para nossa a camioneta e seguimos em direcção a Luanda. O Jorge, com a carrinha dele, também arrancou junto connosco. O velho Fausto, ao volante da camioneta. Eu e o Machado, de pé, encostados à cabine, com as armas na mão e prontas a disparar. Era meia noite, dessa noite infernal do dia 15 de Março de 1961, dia tão tristemente lembrado. Partíamos assim, abandonando tudo, casas, haveres, só com a roupa que tínhamos vestida, mas tínhamos que partir, pois levávamos connosco um tesouro precioso, o único tesouro pelo qual vale a pena morrer: os nossos Filhos!

A caminho de Luanda, a poucos quilómetros de Vista Alegre, ficava o povo Kambege e que nós teríamos que atravessar pois a estrada passava a meio do povoado. E o receio de ali encontrarmos dificuldades era patente. Felizmente nada aconteceu. Parecia estar tudo deserto. Não se via ninguém, mas não restavam dúvidas que eles nos observavam, só que hesitaram em nos atacar.

Decorridos vinte quilómetros, chegámos ao rio Dange, cuja ponte construída em cimento armado, nos permitiu atravessá-la facilmente. Pouco depois avistámos os faróis de um carro que vinha em sentido contrário. Mandámo-lo parar para o alertar do que se estava a passar. Era o Sebastião Nunes que tivera conhecimento em Luanda do que se estava a passar e tendo os filhos no Roçado do pai, ia lá buscá-los. «Duvido que consigas passar», adverti, «mas ainda de dia foram para lá avisá-los, o teu primo Zé e o Delfim. Era para eles virem todos para Vista Alegre, no entanto até agora não chegaram. O melhor é voltares para trás connosco». «Não», respondeu o Sebastião. «Eu tenho que ir buscar os meus filhos». «Bem, sendo assim boa sorte».

A nossa camioneta seguiu viagem até ao desvio de Kibaxe, onde encontramos uma outra carregada que pretendia seguir para Carmona. A pessoa que ia ao lado do condutor era o Alberto, pessoa que há pouco tempo tinha sido empregado em Vista Alegre. Foram postos ao corrente e resolveram encostar o carro, pois ali existia um acampamento de trabalhadores que andavam a pavimentar a estrada Luanda - Carmona e ali trabalhavam algumas dezenas de brancos. Portanto os ocupantes da camioneta encontravam-se ali em segurança, e por isso resolveram esperar pelo dia, para depois estudarem melhor a situação.

A nossa viagem decorreu sem incidentes. Chegámos ao Ucuá, já de tarde, onde tomámos o pequeno almoço no Bar do Andrade. Depois seguimos para Luanda.

Em Luanda a situação era explosiva. As pessoas, aterrorizadas com as notícias, procuravam informações mais concretas junto daqueles que chegavam do interior.

Mesmo a imprensa, procurava informações.

A primeira coisa que tivemos que fazer ao chegar a Luanda foi comprar roupa para vestir pois nada trouxemos. As crianças tinham

apenas a roupa com que estavam a dormir.

Instalámo-nos em casa do Fausto e procurámos logo contactar pessoas com interesses na região, para nos juntarmos e irmos ao Palácio do Governador pedir ajuda, sobretudo armas, para depois podermos ir novamente para cima, para ver se recuperávamos alguns haveres, fruto de muito trabalho e sacrifícios.

Ficou combinada uma concentração em frente do Palácio às quatro horas da tarde. Eu e os meus companheiros fomos os primeiros a chegar, e pouco a pouco foram chegando os restantes interessados. Ao ver chegar o Sebastião Nunes e o pai, fiquei surpreso. Dirigi-me a eles e perguntei:

«Então, Sebastião, trouxeste os teus filhos?» Não, respondeu este com amargura. «Não consegui passar no Kambege. Já tinham a estrada cortada e estavam muitos pretos na estrada. Eu com dificuldade consegui virar o carro e regressar a Luanda. Temos que fazer tudo para ver se nos ajudam a voltar lá cima, o mais rápido, para ver se salvamos alguma gente».

O P.e Rites no Rotary de Esposende

Lutar contra falta de moradias, o desemprego, o analfabetismo, a mortalidade infantil, a violência no campo e na cidade, a marginalização, o abandono do menor e do idoso, a criminalidade e o transporte, são os principais objectivos da acção evangelizadora da Igreja no Brasil, afirmou o Padre Fernando Rites na sessão rotária, realizada em Esposende no dia 7 de Setembro.

O P.e Fernando Rites, enquanto estudante no Seminário de Braga, beneficiou de uma bolsa de estudos estabelecida pelos seus conterrâneos rotários. Acabados os preparatórios, foi cursar Teologia no Brasil, terra onde passará a exercer o seu munus sacerdotal.

Aproveitando uma breve estadia entre nós, o Rotary Club de Esposende convidou-o para fazer uma palestra, palestra que teve por tema: «A Igreja no Brasil». Com o auxílio de slides aquele sacerdote faz uma análise da realidade brasileira e mostrou o empenhamento da Igreja em resolver alguns dos problemas sociais que atingem a grande maioria da população brasileira.

O Padre Rites que foi muito aplaudido, procurou responder às múltiplas perguntas que no final lhe foram postas pelo Presidente, dr. José Alberto Costa e Silva, Dr. Bernardino Amândio, ali presente em nome do Forum Esposendense, Dr. Brás Marques, dr. Agostinho Reis, Dr. Alberto Vale e dr. Estela Teixeira da Silva.

Os rotários de Esposende sentiram-se compensados por terem contribuído para a formação de um Sacerdote cujo apostolado revela um cariz eminentemente social.

CHAFARIZ

Em tempos foi colocado um chafariz ou fonte luminosa no pequeno lago existente no Cortinhal. A actual Junta mandou-o retirar alegando que quer uma coisa melhor. O certo é que já se passaram uns meses e nada. As pessoas começam a murmurar dizendo que mais valia ter as coisas como estavam do que aquele vazio que agora se verifica.

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

4. **ventilação** reduzida ao mínimo para evitar perdas de peso por desidratação, mas suficiente para evitar aquecimento e a acumulação excessiva de anidrido carbónico, o que se traduz na prática em termos técnicos por uma circulação de ar da ordem dos 8 a 10 metros cúbicos de ar por tonelada de batata e por hora;

5. **Luminosidade** — Reduzida para evitar o esverdeamento dos tubérculos e a formação de solanina que os torna impróprios para consumo.

As batatas podem ser conservadas em silo ou em armazéns: simples caves ou armazéns complexos com sistemas de controle de temperatura, humidade e ventilação.

Conservação em silo — Se bem que toda a tendência moderna seja para utilizar armazéns especialmente preparados para uma conservação da batata nas melhores condições possíveis, continua ainda a ter algum interesse e a ser citado na maioria dos livros sobre a especialidade, o uso de silos, em particular nas regiões de pequena e média empresa onde as quantidades produzidas por cada agricultor não justificam a construção de instalações que exigem investimentos apreciáveis. Só através do associativismo dos agricultores nessas regiões se conseguirá o volume indispensável de produção que compense tais instalações.

Existem silos de diversos tipos mas considerar-se-ão apenas os silo de terra: de trincheira, semienterrados e de superfície.

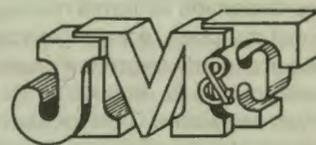
Silo de trincheira — Abre-se uma vala de 1 metro de largura por 60 centímetros de profundidade. As paredes da vala podem-se manter verticais com a ajuda de painéis, enquanto que o fundo é atapetado com palha. Enche-se com os tubérculos. Um tecto de painéis de madeira com uma ou duas águas, protege do frio e das chuvas.

Silos semienterrados — Abre-se uma cova circular de apenas 35 cm de profundidade com 1,60 m de diâmetro, utilizando-se a terra retirada para cobrir depois os tubérculos. Em torno deste silo, abre-se um rego

e drenagem com 50 cm — mais 15 cm do que a profundidade do silo — que permita o escoamento das águas da chuva.

Silos de superfície — O único aplicável em terras húmidas. Numa área de terra batida dispõe-se uma camada de palha sobre a qual se acumulam os tubérculos em torno de chaminés também de palha e que vão desde o chão até ao topo da meda. A batata cobre-se com uma ligeira camada de palha miúda

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Azubos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

e depois com terra numa espessura de 10 a 20 cm. Exteriormente pode voltar a dispor-se uma camada de palha que proteja bem o silo contra a acção da chuva.

Conservação em armazém — Qualquer que seja o tipo de armazém, a conservação dos tubérculos exige: a) que eles sejam sãos; b) que fiquem isolados do frio e do calor excessivos; c) que fiquem separados do chão e das paredes, por camadas de palha, estrados, etc.; d) que as pilhas de tubérculos sejam o mais baixo possível. Sobre este último ponto, em caves onde a circulação do ar se faz dificilmente, os tubérculos não devem ser amontoados para além de 60 a 80 centímetros. Em armazéns com ventilação forçada poderão ir até 3 metros e mais.

Os locais de armazenagem devem ser convenientemente limpos e desinfectados antes de serem utilizados. O uso de antiobróhantes como o hostafame é particularmente de aconselhar para batatas que tenham que ser conservadas por períodos muito longos. Naturalmente que a batata tratada desta maneira não poderá nunca ser utilizada como semente.

As condições ideais de conservação da batata implicam uma temperatura de 4 a 5° C e uma humidade relativa da ordem dos 93%. E, assim, nos grandes armazéns de conservação se procede a um sistema controlado dos factores ambientais mais favoráveis, incluindo uma circulação de ar devidamente regulada para evitar o aquecimento no interior da massa por efeito da ac-

Basta[®] a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	86 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	89 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo
na agricultura**

Hoechst 
Cap. Soc. 1.200.000.000 Cont. Reg. Com. Entre A.º 1428

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)

tividade fisiológica própria e para não consentir uma evaporação intensa que origine perdas de peso consideráveis.

• DOENÇAS

- Bactérias
- Fungos
- Vírus
- Doenças fisiológicas

• PRAGAS

DOENÇAS

A — Provocadas por bactérias

Pus da batateira — O pus da batateira, por vezes designado de forma menos correcta por «mal murcho», é uma doença provocada pelo ataque da bactéria *Pseudomonas solanacearum* (E. F. Smith) E. F. Smith-Brown var. *asiaticum*. Os sintomas mais característicos da doença são a coloração acastanhada do anel vascular dos tubérculos e a exsudação de uma substância esbranquiçada que lhe deu o nome. As plantas atacadas murcham repentinamente em virtude da interrupção no fornecimento de água às folhas por bloqueamento dos vasos condutores, pelas bactérias.

Doença perigosa, pois que os tubérculos atacados podem, em armazém, contagiar rapidamente os que o não estão e que, por outro lado, podem infectar os terrenos.

A origem mais comum da infecção é o emprego de batata atacada. Deve pois usar-se sempre batata-semente devidamente certificada ou de qualquer modo com garantia de que não está infectada. Batata, mesmo sã, que acidentalmente tenha estado em contacto com sacos ou pavimentos suspeitos de infecção pode ser tratada eficazmente com uma solução de sulfato de cobre a 2% (SEABRA, 1957). Com esta mesma solução devem ser desinfectadas todas as ferra-

mentas empregadas em culturas atacadas.

O estabelecimento de rotação adequada alternando a batateira com espécies não susceptíveis como, por exemplo, as gramíneas, é outra prática de defesa contra a doença. A destruição pelo fogo das batatas atacadas, bem como da respectiva rama, é ainda outra medida que se deve tomar sempre.

Pé negro — Doença bacteriana que provoca o enegrecimento da base dos caules devido à acção da *Pectobacterium carotovorum* var. *atrosepticum* (van Hall) Dawson normalmente transmitida por semente infectada. Com o avanço da doença o pé acaba por apodrecer e a parte aérea murchar e morrer apresentando, em fase intermédia, as margens das folhas enroladas para dentro e as folhas superiores com um brilho metálico.

No campo só condições de humidade elevada favorecem o alastramento da doença. Em armazém a contaminação é fácil e os prejuízos podem ser grandes.

Tal como para o pus da batateira, o estabelecimento de rotações apropriadas e o uso de batata garantida são as medidas mais eficazes. Esta bactéria resiste menos no terreno do que a que ocasiona o pus e existem variedades mais resistentes embora este assunto não esteja ainda bem estudado.

B — Provocadas por fungos

Míldio da batateira — Sem dúvida alguma a doença que mais preocupações causa ao agricultor é aquela que tem sido sujeita, pela sua importância e por se encontrar espalhada por todo o lado, a maiores estudos. É provocada por um fungo — *Phytophthora infestans* (Mont) de Bary — de que se conhecem mais de dez raças diferentes. Este parasita não ataca apenas a batateira mas também outras espécies da família das Solanáceas como o tomateiro, o pimento e diversas plantas espontâneas. Durante o Inverno vive sobre tubérculos ou restos de plantas, suportando facilmente a passagem para a época do ano em que encontra o ambiente

NOVO
A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE
ESTREGUANO
É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA
ESTRELA ADUBO
 Fábrica de Adubos Organicos, Lda
 Bar. N.º 2, R.º 2 - Monte Lordeana
 Tel. 53360 Adubo P. - Tel. 6 (092) 91250 - 91250
 Apart. 1046 - 3509 01500

biente óptimo para o seu desenvolvimento em pleno Verão.

Os sintomas da doença sobre plantas manifestam-se por manchas escuras sobre os folíolos, geralmente próximo das margens. Essas manchas têm uma auréola verde-pálida e um aspecto húmido ao princípio mas acabam por secar. No caule as manchas têm aspecto semelhante mas apresentam-se mais escuras dando por vezes a sensação de que os tecidos estão queimados. Também ataca o tubérculo provocando-lhe exteriormente manchas acastanhadas em depressão, e, no interior da polpa, manchas castanhas húmidas.

Uma interacção complexa de humidade e temperatura condiciona o desenvolvimento do míldio. Os ataques mais intensos surgem quando a noites frescas e húmidas sucedem dias quentes com elevada humidade relativa. A humidade do terreno também exerce a sua acção como se compreende pelo que as terras argilosas, que retêm maior quantidade de água, favorecem o desenvolvimento da doença.

O combate do míldio tem aspecto fundamentalmente preventivo e traduz-se por três linhas principais de acção:

a) **Emprego de variedades resistentes:** Embora a resistência do míldio não seja total, há variedades bastante resistentes ou pelo menos pouco susceptíveis ao ataque de algumas raças daquele fungo. É bastante resistente, por exemplo, a Arran Consul e pouco susceptíveis a Alfa e a Kennebec, embora esta última tenda a desaparecer do mercado por outras razões.

CALIBRADORES DE FRUTA

MINI-LINHA COMPACTA
 Indicada para espaços limitados
 Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**
TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA
 PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

ACTIVIDADES DA COOPERATIVA

Como estava previsto, o programa que tinha sido elaborado, foi quase, na totalidade executado. Não com a dimensão e dinâmica que seria o nosso desejo, mas com aquilo que nos foi possível trabalhar. Houve falhas, umas foram impossíveis de superar. Os recursos de que dispomos financeiramente e a colaboração humana ficaram aquém dos nossos desejos. Os meses de Julho e Agosto, são meses muito atarefados e ninguém tem tempo para nada. No entanto o que se fez, representou muito esforço de meia dúzia de pessoas.

alegrou-nos verificar que havia muitas pessoas de Fão. Foi agradável saber que a Cooperativa também interessa aos fangueiros. Depois dum «bom» trabalho por parte do «pessoal», houve a desejada merenda, feita pela dona da casa. Como sempre, a bola de sardinha e a boroa estavam de crescer água na boca. O bom vinho verde, servido em malgas, começou a ser distribuído durante a desfolhada, o que animou os presentes. Houve ditos e larachas e algumas anedotas. Foi pena os tocadores terem faltado, no entanto a festa foi animada.



Um aspecto da Mostra da Feira do Artesanato que decorreu de 11 a 19 de Agosto de 1990

Contamos que o ano de 1991 seja mais activo.

Vamos já começar a trabalhar para que tudo seja mais representativo. Estava prevista uma exposição de pintura e desenho, cedida pela Cooperativa Arvora do Porto, mas que não se concretizou por falta de espaço dentro da Vila e a colaboração necessária.

Fez-se, já em Setembro, a Desfolhada, que, como o ano anterior, foi na propriedade do Sr. Mena. Compareceu muita gente e

Quando chegou a altura da sardinhada, tudo se chegou para o redor das assadeiras e era ver quem mais estendia o naco de boroa que servia ao mesmo tempo de prato.

O Sol não esteve sempre presente, mas a tarde manteve-se agradável. Temos que agradecer, publicamente, toda a gentileza das donas de casa que se excederam em atenções e boa vontade.

Por um contratempo imprevisto, não foi



Mostra da fabricação de cordas que nasceu em Fão no séc. XIV e terminou no ano de 1968

possível mandar mais cedo aos premiados as menções honrosas, nem a publicação dos trabalhos dos premiados. Será feito muito brevemente com o pedido das nossas desculpas.

Vou aproveitar este espaço para informar todos os sócios da Cooperativa que esta só avançará se todos colaborarem. Vai haver brevemente uma reunião e seria bom que todos, mas todos, pudessem estar presentes. Será anunciada com alguma antecedência o dia e a hora. Será naturalmente num fim-de-semana para dar oportunidade aqueles que moram fora de Fão. É preciso fazer planos, coordenar os recursos que há, sensibilizar tudo e todos para podermos vencer. As entidades oficiais terão de olhar para nós, mais atentamente e, dar-nos a ajuda que precisamos. Fão é uma terra que merece as atenções «superiores».

Quem a visita pela 1.ª vez, como foi o caso duns amigos meus de Lisboa, fica encantado.

Seria muito agradável ver esta terra na lista dos interesses turísticos portugueses.

As condições são excepcionais, mas é preciso explorá-las. Tenho fé e confiança na capacidade e acção do Presidente da Junta, mas não pode ser só ele a trabalhar. Precisa de bons colaboradores, assim como a Cooperativa. Sós, não fazemos nada. Unidos, temos o mundo à nossa frente. A união faz a força e a força remove montanhas.

Não vou roubar mais tempo e lugar a este Jornal que tem a gentileza de nos oferecer este espaço para divulgação das nossas actividades. Em nome da Cooperativa, os nossos agradecimentos ao seu Director. Mais uma vez queremos agradecer a todos aqueles que nos ajudaram duma maneira ou doutra na realização do nosso programa.

Cecília Paixão de Amorim

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

A PRAIA ESQUECIDA DA MINHA INFÂNCIA

A última vez em que lá fui, tinha seis anos. Era a praia que a minha família frequentava habitualmente, em época de férias, e que está ligada à memória mais remota da minha meninice como um tempo de encantamento e maravilha.

Depois, atingida por uma doença grave e longa, qualquer hipótese de aproximação do mar passou a ser apenas um belo sonho proibido.

Só muito mais tarde voltei a fazer praia, mas noutros lugares e noutras circunstâncias.

Há dias, porém, tive ensejo de voltar ao passado. Acompanhando familiares, esperei o carro eléctrico na mesma paragem de outrora. Logo reconbeci o seu andar roncoiro, o chiar monótono das rodas, nos carris. Tudo isso me era familiar e foi agradável reviver. Diferente, sim, a paisagem. Onde páram as casas pequeninas e aconchegadas que ladeavam, em grande parte, o caminho? E os campos de milho, que, de onde a onde, ondulavam ao vento, mais verdes que o próprio mar? Já nada existe. Em seu lugar, multiplicam-se os «shoppings», os hotéis de luxo, os edifícios imponentes.

Chegámos. Na avenida, frente ao mar, das lindas casas de azulejos rosa, cinza, azul, de janelas brancas e portas castanho-dourado, nada resta. São agora prédios de muitos andares, de cores berrantes e caixilharia de alumínio em profusão.

Desconsoladamente, olhei o mar. Esse, ao menos, não mudou. Lá estavam os três rochedos, majestosos, que as ondas galgavam em horas de maré-cheia, numa orgia de espuma.

Descemos à praia. Relembrei, imediatamente, a sensação de pisar a areia, grossa e quente. Olhei em volta. Num momento, todas as lembranças enterradas ao longo de tantos anos, vieram ao de cima. Aproximei-me dos rochedos. Atapetados pela penugem verde e escorregadia do musgo, recortavam-se, imponentes, no fundo azul em que mar e céu se fundiam, numa afirmação de perennidade.

Foi então que vi a antiga pôça, antinbada no círculo escuro dos penedos mais pequenos. Era aí que eu costumava chapinar, divertindo-me a agitar a superfície tranquila, fazendo saltar salpicos para todos os lados.

Estava na mesma. Na água límpida que o mar lá deixara há pouco, boiava uma pena branca de gaivota. Devagar, entrei na pôça e todas as antigas sensações me envolveram. A menina que eu fui ressuscitava, por um breve momento de ilusão. Imóvel, sentia que o meu espírito mergulhava nos longes do Tempo.

Mas o fugaz encanto quebrou-se. Alguém chamou por mim. Tinha terminado o encontro com o Passado, o Presente impunha os seus direitos.

A hora de regressar chegou. Já na aveni-

da, o meu olhar demorou-se longamente na praia, nos rochedos, no mar. Era uma saudade antecipada, um adeus sem despedida.

E senti uma vontade imensa de dizer, à semelhança de São Francisco de Assis:

«Bendito sejas, Senhor, porque criastes o Mar, com a sua beleza imutável, tão acima e tão além da volubilidade e das fraquezas humanas!»

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

(CONCLUSÃO)

Distribuiu-se uma pequena lembrança por todos os concorrentes.

Os jogos florais também vieram dar ao nome de Fão um certo relevo.

Houve mais de 70 concorrentes, desde Lisboa a Monção.

O 1.º prémio foi para Coimbra, para o Sr. Ernesto Lopes Nunes.

Foi contemplado com 1 fim-de-semana no Hotel Ofir, para 2 pessoas, além da menção honrosa.

Houve mais 4 menções honrosas, que serão enviadas para os respectivos contemplados. No 1.º sábado de Setembro efectuou-se um jantar entre os componentes da Cooperativa que teve a presença aproximada de 40 pessoas e que decorreu um ambiente de boa disposição e alegria.

Estamos a dar os primeiros passos e precisamos do apoio de todos.

A Câmara de Esposende tem que olhar mais atentamente para os problemas de Fão.

Todos os centros de turismo, principalmente os que têm praia, não podem voltar as costas à cultura e ao desenvolvimento da mesma. Mas tudo isto não se faz sem apoios.

Por si só a Cooperativa, embora não morra, vai crescer muito devagar.

O que a mantém de pé e a «mexer» é o esforço e a carolice de meia dúzia de pessoas que se debatem com muitas dificuldades para a realização dos vários projectos.

Precisamos de verbas para muita coisa.

A casa, que gentilmente nos foi cedida, precisa de obras urgentes. Não temos o mínimo de aparelhagem. Todos os serviços são feitos por 6 ou 8 pessoas que roubam às suas horas de descanso o tempo de que a Cooperativa necessita.

Fão é uma terra que merece o carinho de todos. Promovê-la e ajudá-la é apoiar os seus habitantes e principalmente os jovens.

Estamos em Setembro e a maior parte

das pessoas acabaram as suas férias e portanto regressaram às suas terras. Ficaram as que têm cá casa e depois os que vêm aqui passar os fins de semana.

Estes últimos sentem à sua volta um vazão enorme e precisam de ter algo que os faça gostar da terra e nela se fixar.

A Cooperativa nasceu para preencher esse lugar. Não tem pretensões absurdas, mas está empenhada em realizações concretas, onde a cultura, a pesquisa, o divertimento e a boa camaradagem sejam uma realidade.

Não quero fechar esta crónica sem agradecer, em nome da C. Cultural de Fão, à Junta de Freguesia, Bombeiros, Casa Lai-lai e a todos os que numa maneira ou doutra, contribuíram para o bom êxito das realizações

efectuadas, não deixando de fazer referência ao Hotel de Ofir que ofereceu o prémio ao 1.º lugar dos 2.ºs jogos florais de Fão, ou seja alojamento para 2 pessoas durante um fim-de-semana.

A todos muito obrigado.

Setembro de 1990

Cecília de Amorim

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ESPOSENDE

O Secretário de Estado da Segurança Social, Dr. Vieira de Castro, procedeu no dia 22 de Setembro, nos terrenos anexos ao Hospital Valentim Ribeiro, Esposende, ao assentamento da primeira pedra das futuras instalações do Centro de Apoio Social (A.T.L., mini-lar e centro de dia).

À cerimónia estiveram presentes o Governador Civil de Braga, o Presidente da Câmara de Esposende e outras entidades conexas.

Seguiu-se uma sessão solene no Salão Nobre da Santa Casa da Misericórdia e uma visita à creche-jardim de infância.

O dr. Vieira de Castro que destacou o interesse na cooperação de esforços entre a iniciativa particular e o Estado prometeu que voltaria um dia para observar o andamento das obras. Gratos pelo convite

FLOREIRAS

Foram disseminadas por algumas ruas de Fão floreiras de cimento que além de apresentarem agradável aspecto estético, servem também de correctores do trânsito. A propósito, lembramos que à entrada do Bom Jesus (parte Sul) deveria ali ser colocada uma floreira para evitar a entrada de veículos no adro da Igreja.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO